

## Faixa de brasileiros miseráveis fica abaixo de 20% da população pela 1ª vez, diz estudo da FGV

(Rafael Rosas)

16h19m - O número de brasileiros abaixo da linha de miséria diminuiu 15,2% entre 2005 e 2006, passando de 42,033 milhões de pessoas para 36,153 milhões no período. O desempenho levou a redução acumulada da miséria a 27,7% no governo Luiz Inácio Lula da Silva, acima dos 24,3% de queda obtidos nos dois governos de Fernando Henrique Cardoso.

A queda observada no ano passado levou a fatia de miseráveis no país a ficar abaixo dos 20% da população total pela primeira vez. No ano passado, segundo o estudo desenvolvido por Marcelo Neri, coordenador do Centro de Políticas Sociais (CPS) do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV), 19,31% dos brasileiros estavam abaixo da linha da miséria em 2006.

O CPS elaborou o estudo Miséria, Desigualdade e Políticas de Renda: O Real do Lula, com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), divulgado na semana passada pelo IBGE. A FGV considera miserável o brasileiro com renda de até R\$ 125 por mês.

Neri credita a redução da miséria a três fatores principais: o aumento do emprego e renda - esta última em 2006 cresceu 9,16%, segundo dados da PNAD processados pela CPS -; à existência de programas sociais, como o Bolsa Família; e o aumento do salário mínimo, que no ano passado foi de 16%.

A pobreza em 1993 atingia 36% da população e agora atinge a 19%, com queda de 45% nesse período. Esta é uma conquista importante, que nos últimos anos foi acompanhada pela redução da desigualdade. A década atual se mostra a década da redução da desigualdade, como a década passada foi a década da estabilidade, disse Neri acrescentando que os números da PNAD mostram um crescimento chinês da renda do brasileiro.

O especialista evitou acirrar o debate sobre o papel dos governos FHC e Lula na redução da miséria e desigualdade. Parar Neri, os dois são parte do mesmo processo histórico, cabendo a Fernando Henrique a estabilização da economia, a universalização da educação e o início de programas focados no combate à pobreza. Lula seria importante por ter dado continuidade na estabilização econômica, e por ter levado os programas sociais a níveis mais abrangentes, como no caso do Bolsa Família, que atinge atualmente 25% da população.

O resultado disso a gente vê hoje com a redução da desigualdade de uma forma não vista antes na série histórica. Talvez o Lula seja o pai da redução da pobreza, mas o avô se chama Fernando Henrique Cardoso.

Neri ressalta, no entanto, que o ritmo de redução da miséria - o Brasil cumpriu em 12 anos o objetivo de reduzir pela metade a miséria, que pelas Metas do Milênio da ONU estaria previsto para acontecer em 25 anos - pode esbarrar na falta de recursos. Nesse sentido, ele alerta que cada R\$ 1 para o Bolsa Família tem efeito de redução da pobreza 2,5 vezes maior que R\$ 1 a mais no salário mínimo.

O Brasil tem feito boas escolhas junto com más escolhas e tem previdência de país rico e velho e o aumento do salário mínimo eleva este efeito sobre a previdência.

Segundo o estudo de Neri, seria necessário que cada brasileiro acima da linha de miséria desse R\$ 12 mensais para que todos os que estão abaixo dessa linha deixassem a pobreza extrema. O especialista afirma ainda que a expectativa para 2007 é de um comportamento similar ao observado no ano passado no que diz respeito à redução da miséria e da desigualdade.